

O início, o fim e o meio: deuses e ancestrais como meios para o pensamento

Rogério Athayde

Doutorando em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Pesquisador do NIFan

athayderog@gmail.com

Recebido: 30 de outubro de 2023
Aprovado: 30 de dezembro de 2023
DOI: 10.47661/aícl.v17i34.66559



ARTIGO

ATHAYDE, Rogério. O início, o fim e o meio: deuses e ancestrais como meios para o pensamento. *Anais de Filosofia Clássica* 34, 2023. p. 87-98.

ABSTRACT: This article proposes a return to an understanding of deities and ancestors as inspirations and provocations of thought. In particular, it highlights the Yoruba deity Olokun as a conceptual point of contact between death, time, the desire for wealth and obsession. The mythological richness of the Ifá oral literature serves as material for a first step in exploring these themes..

KEY-WORDS: Yoruba; divinities; ancestors; Olokun; Ifá.

RESUMO: Este artigo propõe retomar o entendimento das divindades e dos ancestrais como inspirações e provocações para o pensamento. Em particular, assinala a divindade iorubana Olokun como ponto de contato conceitual entre a morte, o tempo, o desejo de riqueza e a obsessão. A riqueza mitológica encontrada na literatura oral de Ifá serve de material para um primeiro passo de investigações sobre os temas.

PALAVRAS-CHAVE: Yorubá; divindades; ancestrais; Olokun; Ifá

Algumas lições nós aprendemos com a dinâmica muito própria que a vida tem; outras retiramos dos livros e dos escritores que, além de viverem suas vidas, vulgares ou não, deram um jeito de colocar no papel suas experiências para compartilhar. Não é raro, porém, que umas e outras andem de mãos dadas. Este certamente é o caso que vai se contar por aqui.

O que vou tentar fazer a partir de agora não é coisa fácil. E a dificuldade se explica pelo tema e pelo que ele implica. Falar dos deuses e dos mortos, não é tarefa que deixe os espíritos tranquilos. Os nossos e os outros. É preciso ter medo de falar dos deuses.

Foi Platão quem primeiro alertou para esse perigo desaprendido. Encontramos sua voz com Sócrates, no diálogo *Crátilo*. Ele parece sorrir, não sabemos se com humor, se com cinismo, ou ainda se com fidelidade a seus temores mais profundos. Mas está lá: é bom ter medo de falar dos deuses.¹

Talvez não exatamente temer aos deuses, como em outras matrizes religiosas, boa parte das vezes monoteístas. O sentido que dá Platão ao risco da proximidade com os deuses não é litúrgica ou sentimental. Mesmo porque ele mesmo nos previne que jamais saberemos dos deuses algo além dos animais para sacrifício e das comidas votivas prediletas. O perigo que todos corremos, e é isso que devemos temer, é falar dos deuses como se soubéssemos alguma coisa para deles ter o que falar. Então podemos acender sua fúria com a dupla ignorância, de não saber o que dizemos e nem sequer se deveríamos ter dito qualquer coisa sobre eles. Somos mortais. Somente.

Então, acredito ser possível concluir que é temerário falar, e também pensar nos deuses, dizer seus nomes, especular sobre suas personalidades, suas vidas eternas e o tempo sem tempo de suas histórias.

¹ “Mas, pelos deuses, deixemos os deuses, pois tenho medo de falar deles”. PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988. p.134.

E ainda pior, fazer isso em público. Por este motivo quis prevenir que sei alguma coisa sobre os riscos que assumo agora. Espero que o leitor pense da mesma forma e só continue a leitura se entendeu bem que se arrisca comigo.

É preciso ter medo de falar dos deuses. E acredito que possa acrescentar da mesma forma os mortos. Falar – e pensar – neles é temerário. Mas é impossível não fazê-lo. Porque é preciso reconhecer: os deuses, e igualmente os ancestrais, são meios privilegiados para o pensamento. Tendo os deuses e os mortos por companhia, podemos colocar em risco nosso cortejo com a vida; mas, de maneira análoga, ser capazes de buscar a sabedoria que vem deles.

Bem... Para seguir adiante, quero lembrar desta terceira palavra que vai no título: *meio*. Para nós, os orgulhosos falantes da última flor do Lácio, esta mesma florzinha que achou de nascer e alastrar nas terras de Pindorama, *meio* quer dizer algumas coisas.

Meio é o que está no *centro*, e por derivação é o cerne, o núcleo, o coração e a alma do que importa ser tratado. Meio é o que divide – ou o que une – uma linha divisória, que parte e singulariza. Podemos dizer assim que meio é o que estabelece o limite, a fronteira, a borda, a beira. Então, meio também é a metade, uma parte de duas, que sugere aquilo que talvez seja composto por ambiguidades, ou parentescos, sendo complementares e, por esse motivo, insuficientes quando vistas em separado. Meio também é *ambiente*, atmosfera, o que não se vê, mas é sabido que esteja ali. Meio é *modo*, método, maneira; e por fim, meio é o *veículo*, o instrumento, o canal e o transporte.

Para todos estes casos, e outros se mais houver, meio é uma boa escolha para falar dos deuses e dos mortos. Porque como meio, os deuses e os mortos devem ser o centro – para não dizer a alma – da reflexão que desejo fazer; eles estão no limite entre os mundos, o visível e o invisível, sendo diferentes, análogos e complementares. Para aqueles que creem nos deuses e nos mortos sua presença, ou existência, poderá ser sentida, feito o ar que respiramos, sem que seja possível encontra-los com os olhos.

Por fim, os deuses e os mortos poderão ser um método interessante para o pensamento, bem como o instrumento pelo qual ele pode se manifestar. Porque os deuses e os mortos estão no meio, estão em meio e são o meio. Nossos deuses, nossos mortos e também nós.

O povo iorubá – em que pesem todas as múltiplas diferenças regionais de seu idioma – elegeu a palavra *Òrìsà*, para se referir aos deuses, e *égún*, *eégún* ou *egúngún* para os espíritos dos ancestrais. Esta, porém, é uma língua tonal, e as variações sutis da pronúncia de suas palavras permitem produzir sentidos que interessam ao pensamento. Veja, além de *égún*, *eégún* e *egúngún*, *egungun*, ou *eegun*, sem os diacríticos, indica o osso ou o esqueleto do morto; enquanto *ègùn* se refere ao local privilegiado do caçador enquanto caça. Então quando dizemos *egun*, sem o cuidado devido com o som que a palavra produz, podemos nos referir ao morto e seu espírito, ao osso ou esqueleto do morto, e também ao ponto especial em que se aboletam os caçadores pouco antes de atirarem contra suas vítimas. Sobre este último sentido vale uma atenção especial.

Para as populações sob a influência cultural dos iorubás, a figura do caçador é especialmente valorizada. Coisa, aliás, relativamente comum para diversos outros grupos e subgrupos étnico-linguísticos da África subsaariana.² Os grandes caçadores são heróis de seu povo. Não é por acaso que algumas divindades daquelas regiões ganhem traços antropomórficos de caçadores, recebendo atributos da caça, ou relativos a ela, como o cuidado com a comunidade, a vigilância, a precisão e a liderança. Dos mais renomados caçadores contam histórias de suas façanhas, da abundância de carne que trouxeram da floresta para alimentar sua gente, da habilidade de que eram especialmente dotados, de seus corpos atléticos, sua inteligência e beleza. Guardando as muito

² Chama nossa atenção para isso Amadou Hampaté-Bâ, no sempre citado texto que escreveu para o primeiro volume da história geral da África. “A tradição viva”. In.: *História geral da África*. Brasília: UNESCO, 2010. pp.167-212. Ver, também, *Forest of a Thousand Daemons*. San Francisco: City Lights Books, 2013. Esta é uma história reconçada por Wole Soyinka.

devidas proporções, são como os artistas de cinema, os jogadores de futebol e os astros do rock de nossos tempos modernos. Eles são amados, são admirados e as coisas que fizeram, ou não, acabam por virar lenda para orientar as gerações do futuro.³

Fiz questão de lembrar essa caracterização dos grandes caçadores para apontar a razoabilidade de haver uma palavra do idioma iorubá que indica algo tão específico como *ègùn*, o lugar em que se coloca o caçador para caçar. Ora, desse lugar, devemos concluir, é possível ver sem ser visto, observar sem ser percebido. Os grandes caçadores são como a brisa suave antes que se torne ventania, o deslocamento de ar entre as folhas da floresta, o tecido mais fino e transparente que não se pode ver nem tocar. Dizendo de outra maneira, os grandes caçadores têm a habilidade de se tornarem invisíveis. Dito isso, não me parece ser necessário fazer qualquer esforço para entender que a sutileza da variação tonal entre *ègùn* e *égún*, ou *eégún*, permite pensar que os mortos, principalmente os nossos mortos, nos veem sem que sejam vistos. Mas diferente dos caçadores e suas caças, não seremos nós as vítimas de nossos mortos. Muito ao contrário, podemos colher o benefício auspicioso de sua vigilância. E é mesmo conveniente que nos lembremos dessa observância: os mortos são guardiões da ética, porque ser *égún* é igualmente estar em *ègùn*.⁴

Aos mortos, que veem sem que sejam vistos, cabe a guarda e a orientação dos vivos no mundo (o *àiyé*), todos nós, seus herdeiros. Por esta razão, e por outras também, é que se diz que “o passado de um homem é uma profecia”, porque condiciona o que é e o que será, sendo

³ Recontei duas histórias de caçadores que podem ser encontradas na literatura oral de Ifá. São elas “Quando morrem os elefantes” e “A cabeça”, ambos presentes em *Oxalá é quem sabe e outros contos afrodiáspóricos*, publicado pela editora Pallas em 2023.

⁴ São muitas as histórias que têm o mar como personagem ou ambiente. E não raro encontramos o tema da obsessão se repetindo. Cito alguns casos bem conhecidos para ilustrar meu argumento. VERNE, Júlio. *Vinte mil léguas submarinas*. Madrid: Edição Hetzel, 2018; MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017; HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. São Paulo: Nova Cultural, 2002; HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021; AMADO, Jorge. *Mar morto*. São Paulo: Edições Círculo do Livro, 1983.

este passado meu ou dos meus. Mas isso nos leva pelo menos a um outro problema: como os mortos antigos podem continuar a nos ver? Digo, os mortos que não conhecemos o nome ou a história e que, talvez, não vejam em mim seu descendente. Falo dos mortos que foram deixados para trás, há muito tempo, abandonados com a diáspora vilã. Como saber deles e eles de nós?

A diáspora é filha da violência e da estupidez; é parente da perda, do esquecimento e da bruteza. A diáspora africana nas Américas foi produto da maldade de mercadores de pessoas, viradas em coisas para comprar, vender e trabalhar. A diáspora foi escravidão. A diáspora separou. Mas diáspora, me autorizo pensar assim, é também semente, sendo o prefixo dia, através de, o que transporta, e *sporos*, a semente. Diáspora é a semente que se espalha ou que foi transportada. Então a diáspora também promoveu outros nascimentos, outros brotamentos. Com diáspora refizemos as genealogias, recontamos as histórias e nos fizemos ver novamente pelos mortos mais antigos. Então diáspora precisou ser adaptação e reinvenção.

A diáspora obrigou o exílio da casa. E essa casa podia se estender até o limite do mar, de onde já não se passava há muito tempo, por falta de interesse ou pela perda da ciência de navegação. Então o oceano profundo, aquele que se faz desaparecer no limite do horizonte, o oceano passou a ser respeitado e temido. Porque dele ninguém retornava para contar o que teria achado. O oceano ganhou fama de vilão por ter se aparentado com um grande cemitério.

Mas, como costuma acontecer, o tempo fez seu balanço. E mesmo que seja preciso lembrar insistentemente da escravidão e suas maldades de ontem, hoje e sempre, o mar une, já não separa. O oceano é outra casa, casa dos mortos. O oceano, enfim e por princípio, é o meio. De todos os modos pelos quais o meio se mede.

O oceano é morada dos mortos, é a primeira casa dos vivos, é mistério, desconhecimento e miragem; o oceano é riqueza, miséria e obsessão. O oceano é um deus, que a tudo isso e ainda mais reúne: o

oceano é Olokun, o senhor da água salgada.

Seu nome já nos permite entrever isso: as palavras iorubanas nos ajudam a conhecer um pouco do que é possível sobre Olokun. Ou pelo menos é o que podemos concluir se acompanhamos o método que usava Platão para pensar os deuses gregos (Cf. Platão, 1988). Senão vejamos: *Oló* é uma expressão usada para indicar a posse ou domínio sobre algo; *òkun*, por sua vez, traduz-se por oceano. Então Olokun é aquele que tem autoridade, comando, tutela, poder sobre o oceano. E de maneira extensiva, sendo ele um deus, é o próprio oceano.

De Olokun é costume dizer que nada sabemos. Se é que podemos dizer que de alguma coisa temos entendimento sobre as divindades. Não conseguimos atinar de seu corpo, feito de líquido e sal; também não conhecemos seu rosto, ou as nove máscaras que costuma usar. Atribuímos a ele coisas como o frio, a força e a pressão; imaginamos, porque não sabemos, que ele guarda segredos, fortunas enterradas em sua carne fluida; que seus humores são voláteis como as marés; que escondidas em seu interior movimentam-se correntes que ninguém vê, mas todos sentem, quando levantam as ondas no litoral, os maremotos e furacões. Olokun é aquele de quem dizemos ser maior que o rei que vive na montanha, *Oba omi jù Oba òkè*, que mesmo seu filho não é capaz de saber quem é, *Olokun omo ore wa se fun òyì o. Olokun fe mi lo're, Olokun*, cujo tamanho, ou profundidade, é para mim infinito.

No fundo escuro de seu corpo de água Olokun guarda a potência da vida e, de modo semelhante, tudo o que morre também. Apesar disso, ele não é o deus iorubá dos mortos. Aliás, é provável que os iorubás não tenham deuses dos mortos. Os cultos aos *òrìsà*, *égún* e a Ifá são relativamente delimitados, mesmo que mantenham seus pontos de contato. São fronteiras porosas, ou dizendo de melhor maneira, líquidas. Por esse motivo Oyá, senhora das tempestades e das tormentas, é também a intermediadora entre os deuses, os vivos e os mortos. Ela, porém, não é uma divindade da morte, ou dos mortos. Os iorubás, porém, possuem um deus que é a própria morte, ou melhor, “o” Morte:

Iku, aquele que leva os vivos a passeio. Mesmo assim, não é também uma divindade dos mortos. Dito isso, Olokun, muito menos ele, é o deus iorubá dos mortos. Mas em sua imensa casa, porém, os mortos vivem.

Seguindo estas indicações posso propor o raciocínio sobre Olokun a partir das metáforas que chegam com a água, particularmente, é claro, com o oceano. Gaston Bachelard escreveu sobre isso. Para ele a água, tomada como elemento e como elaboração poética, permite um sem número de possibilidades. Ela se apresenta turva ou cristalina, calma ou intensa, estática ou movimentosa, rasa ou profunda, não importa: a água será objeto de projeção onírica, atendendo aos apelos da vida ou da morte. Sobre isso, o pensador francês dizia que

Água silenciosa, água sombria, água dormente, água insondável, quantas lições materiais para uma meditação da morte. Mas não é a lição de uma morte heraclitiana, de uma morte que nos leva para longe com a corrente, como uma corrente. É a lição de uma morte imóvel, de uma morte em profundidade, de uma morte que permanece conosco, perto de nós, em nós (Bachelard, 2002, p.72).

Com esse auxílio talvez possamos imaginar a fundura do oceano como outra dimensão, submetida a regras da física que desconhecemos; lugar de sonho, de loucura, de criaturas abissais, estranhas a nós. Morada de um deus e dos mortos.

Não caberá agora, tão brevemente, avançar no assunto. Por não haver fôlego nem mergulho suficiente nele. Contudo, vai aqui o primeiro desafio para um provável tema de pesquisa: tomar Olokun como meio de reflexão. Porque os deuses e os mortos permitem que pensar neles, e a partir deles, constitui um bom motivo para fazer filosofia. Esse esforço certamente implicará falar de seu nome, comentar suas saudações, recontar suas histórias. E, claro, trazer à luz a escolha do que dele se pode contemplar; ou deixar que a escolha dele me trague.

Por vício, necessidade ou mania, quero terminar este pequeno texto despretensioso contando uma das muitas histórias de Olokun. Já

escrevi sobre ela em outra ocasião (Cf. Athayde, 2019). Mas ela não para de se repetir para mim. Porque como outras tantas conhecidas, tendo o mar como ambiente ou personagem, ela fala de algo que se repete como as ondas quebrando na orla: ela fala de obsessão.⁵

Havia um pescador, muito pobre, que vivia com sua mulher e seus filhos na beira do mar. Todos os dias ele tomava seu barco, sua rede, suas iscas e partia, como se não houvesse chance de retorno.

Quando se via sozinho, cercado somente pela água e a desesperança, o pescador chamava por Olokun. Ele dizia: “Meu pai! Faça de mim um homem rico! Ah, meu pai, mude minha vida!” Assim todas as vezes. Mas o mar não dava resposta.

Um dia, porém, o pescador foi mais longe que a sensatez recomendaria. E quando repetiu seu lamento, uma imensa tartaruga veio das profundezas do oceano. Ela disse: “Olokun, seu pai, ouve seu pedido. Ele te chama para viver no fundo do oceano”. “Mas como?! Se aceitar morrerei!”, disse o pescador. “Você já está morto entre os vivos. Venha comigo e fique ao lado de seu pai”. O pescador agarrou-se aos cascos da tartaruga e mergulhou com ela.

O medo de morrer logo se foi. Ao contrário disso, mais vivo ele se sentia. Pareceu natural a troca do ar pelo líquido gelado, a leveza pela pressão.

Quando a viagem aparentava chegar ao fim ele pode ver uma multidão de estranhas criaturas que estavam à sua espera. Olokun, que é o oceano, se fez transformar em uma figura meio humana, com duas enormes caudas de peixe saindo de sua cintura. Olokun abraçou o pescador e disse: “Este é o meu filho querido, meu herdeiro!” E assim começaram os festejamentos.

Olokun levou o pescador até seus tesouros. “São seus os meus tesouros dos homens”, ele disse. “E existem outros, meu pai?” “Muitos outros, filho querido. Mas somente deste você terá compreensão”. O

⁵ Footnote.

pescador, agora herdeiro e príncipe, havia conquistado o que mais ambicionava.

Dois ou três dias passaram. O pescador teve saudades da família e da casa. “Posso voltar, meu pai?” “Claro filho meu. Quando quiser.” “Posso agora?” “Se assim você deseja”. Olokun fez a enorme tartaruga reaparecer e avisou: “Filho querido. Volte para a superfície. Mas se pretender estar novamente comigo, eu te espero. Tome esta cabaça e a quebre”. O filho querido de Olokun tomou para si o presente e partiu agarrado às costas de seu transporte.

Quando chegou de volta tudo parecia diferente. Sua casa, sua família, suas coisas, tudo havia desaparecido. Era aquele lugar mesmo? Sim, era. Ele viu o desenho dos morros logo atrás da praia. Eram os mesmos que ele tantas vezes usava como orientação. Mas havia uma cidade modernosa, feita de fumaça, concreto e aço, com muita gente correndo de um lado para o outro, como se houvesse necessidade.

Então ele entendeu. Era o mesmo lugar. Mas já não era o mesmo tempo. Quanto tempo? Séculos talvez. Desesperado por entender que aquela não era mais sua terra, jogou a cabaça no chão com força. Ela se partiu em pequenos pedaços. E de dentro pode se ouvir um som, como se de seu destino fosse possível criar melodia. O pescador sentiu seu corpo torcer, sua pele se transformar em couro, pernas e braços em barbatanas e suas costas ganharem placas e cascos duros. Foi se arrastando pela areia da praia até o ponto certo para fazer mergulho.

E, novamente, nunca mais foi visto.

Esta história triste pode ser encontrada no Odu Ifá Osakuleja. Faz parte do extensíssimo repertório da tradição oral do povo iorubá. Com ela podemos pensar muitas coisas sobre Olokun e sobre os humanos, quando vivos ou quando mortos. O deus do oceano possui outras tantas histórias, em que sua personalidade, reflexo das águas salgadas que é e igualmente representa, se vê desenvolvida, elaborada, esquadrinhada. Elas são o meio para que muitas possibilidades de leitura venham a ser feitas sobre os deuses, de quem devemos temer, e os mortos, por quem somos

observados.

O mito d'O filho querido de Olokun também revela alguns dos aspectos mais frequentemente visitados pela literatura que tem o oceano como personagem ou ambiente. Falo, claro de obsessão; mas falo outrossim da morte e dos mortos, do amor e da paixão, da coragem, do tempo que passa, da expectativa de riqueza e até mesmo da loucura.

A potência desta história poderá ser melhormente aproveitada em uma análise cuidadosa e profunda. Nada que caiba neste acanhado texto, que muito se propõe e nada quer prometer. Por hora fico daqui, sabendo que o oceano está diante de meus olhos, mesmo que ainda estejam fechados, porque nos pés tenho areia e na boca trago sal.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Jorge. *Mar morto*. São Paulo: Edições Círculo do Livro, 1983.
- ATHAYDE, Rogério. *O filho querido de Olokun*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2019.
- _____. *Oxalá é quem sabe e outros contos afrodiaspóricos*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2023.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BENISTE, José. *Dicionário Yorubá-Português*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.
- HAMPATÉ-BÂ, Amadou. “A tradição viva”. In *História geral da África*. Brasília: UNESCO, 2010.
- HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017.
- PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.
- VERNE, Júlio. *Vinte mil léguas submarinas*. Madrid: Edição Hetzel, 2018.